



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CAMILO FERNANDO DA SILVA

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-695

Entrevistado: Camilo Fernando da Silva

Nascimento: 18/07/1970

Local da entrevista: Hotel Caiabi, Juina-MT

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 19/05/2016

Transcrição: William Gomes

Copidesque: Ivone Job

Pesquisa: Ivone Job e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 12 minutos e 32 segundos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade em Juína (MT); Esporte e Lazer em Juína antes do Programa; Proposta do Ministério do Esporte; Funções desempenhadas; monitores e bolsistas; Lugares dos Núcleos na cidade; Materiais recebidos; Formação; Saída do Programa.

Juína, 19 de maio de 2016, entrevista com Camilo Fernando da Silva a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, muito obrigada pela sua disponibilidade, por vir até aqui e queria que começasse falando da sua formação e com o que você tem trabalhado.

C.S. – Eu que agradeço. Eu sou natural de Cáceres em Mato Grosso, me formei na Unemat¹, na Licenciatura em Geografia em 1999. Na época prestei o concurso para o município de Juína como professor do estado do Mato Grosso. Já também trabalhava na área do esporte amador em Cáceres. Logo surgiu aquela oportunidade do CREF, o Conselho Regional de Educação Física, oferecer o registro para quem tinha comprovação de trabalhar mais de cinco anos na área. Assim, eu consegui o meu registro na área de futsal. Eu sou credenciado aí comecei a trabalhar também nas categorias de esporte no município de Juína. Foi quando a gente teve exatamente uma ligação, um acesso na questão esportiva em 2003 com a possibilidade da implantação desse programa no município de Juína. Fui convidado pelo secretário de esporte Marcelo Garcia² para ser um dos, vamos dizer, colaboradores desse programa, que era um programa bem experimental, piloto até vamos dizer assim. Prontamente a gente se propôs a fazer parte da equipe. A partir de janeiro começamos os trabalhos, primeiras reuniões e a entender melhor como que ia funcionar aqui no nosso município.

C.M. – Você lembra qual era a proposta que veio do Ministério do Esporte?

C.S. – Olha, grosso modo era buscar atender o máximo possível, da comunidade, dos bairros. Ou seja, desde criança até mesmo idoso, inclusiva. A pessoa que veio aqui para passar um formação para a gente, se não me engano no momento, acho que era Andréa³ o nome dela, da pessoa primeiramente que veio, ela dizia muito claramente sobre esta questão, não tinha questão mínima de idade, era de zero a cem anos, que tivesse condição

¹ Universidade do Estado do Mato Grosso.

² Marcelo Antônio Alves Garcia

³ Andrea Nascimento Ewerton.

de praticar, realizar qualquer atividade, seja esportiva, cultural, sendo, importante para este programa.

C.M. – Você participou da elaboração do plano para mandar ao Ministério para dizer o que seria oferecido em Juína?

C.S. – Sim, desde a primeira reunião eu sempre estive presente, juntamente com o Marcelo e outros professores que era coordenador de núcleo. Nós sempre estivemos escolhendo as áreas, os núcleos que poderiam estar contemplados no programa para poder mandar para lá e fazer outra reunião até chegar numa visita *in loco*. Foi então com Marcelo Russo¹, se não me engano que veio aqui para fazer essa visita *in loco*... aí iniciar o Programa acho que em março de 2004 se eu não me engano, que é o mês certo que começou o Programa.

C.M. – Quais as áreas aqui de Juína que foram escolhidas pra receber o Programa?

C.S. – Se eu não me engano, eu acho que eram sete ou oito núcleos e eu tinha o núcleo central aqui que abrangia o ginásio municipal, a Praça da Bíblia aqui no centro. Tinha mais outro aqui que funcionava na Pestalozzi² módulo quatro, módulo cinco, módulo seis, tinha uma extensão no Distrito de Terra Roxa, Padre Duílio onde eu era coordenador, Padre Duílio, e o bairro Palmeira foram os bairros contemplados com esse Programa.

C.M. – E antes de receber o Programa Juína tinha alguma coisa relacionada a esporte e lazer?

C.S. – Não que eu saiba. Estou no município desde janeiro do ano 2000. Desse período de dezesseis anos não me lembro, não me recordo de ter nenhum programa que possa ser no nível, nos mesmos objetivos do Esporte e Lazer na Cidade.

C.M. – Pode falar um pouquinho da sua função, o que você fazia.

¹ Marcelo Pereira de Almeida Ferreira.

² Sociedade Pestalozzi de Juína.

C.S. – Eu era coordenador de núcleo, aonde a gente tinha a função de estar lá coordenando tantos bolsistas, como os, oh meu Deus, qual que é o nome correto, os bolsistas e os...

C.M. – Monitores?

C.S. – Monitores, exatamente. Os bolsistas eram para auxiliar os monitores, e os monitores eram quem mais diretamente iam desenvolver as oficinas, as práticas esportivas dessas áreas. Então minha função era estar basicamente nos três períodos lá verificando se estariam sendo desenvolvidas as oficinas propostas bem como a verificação do que estava para servir o lanche para a comunidade que estava sendo atendida naqueles três períodos.

C.M. – E quais eram as atividades oferecidas?

C.S. – Tinham uns núcleos em que funcionavam algumas oficinas, algumas atividades e outras não. No nosso caso costumava ser vôlei de areia, futsal, futebol de areia, *kung fu*, capoeira e outras atividades de recreação, por exemplo, tênis de mesa, que eram todas as modalidades, todos eles tinham os seus atendimentos.

C.M. – E qual a estrutura que você dispunha?

C.S. – No início a gente utilizava basicamente as praças dos bairros que já tinham quadras de areia e nos bairros tinha quadra de futsal e também na Escola Estadual 9 de Maio e no Centro Comunitário do bairro do Padre do Duílio a gente fez um acordo com o presidente do bairro, que prontamente também se prontificou, cedeu o espaço principalmente no período noturno, que eram as aulas de capoeira e *kung fu* que, por incrível que pareça, tinha uma clientela muito grande [risos] dessa modalidade, *kung fu*. E na Escola 9 de Maio também a diretora prontamente atendeu, porque acabava, por um lado, atendendo a comunidade escolar na questão do lanche, muitas crianças que estudavam no período no período contrário, de manhã iam à tarde, e a tarde iam de manhã às oficinas que beneficiavam as crianças.

C.M. – E como vocês escolhiam os bolsistas e monitores para trabalharem?

C.S. – Para esses bolsistas e monitores era feita uma pré-seleção, a inscrição. Dava um prazo até bastante considerável para que todos pudessem se inscrever. Depois iam fazendo uma seleção de acordo com, vamos dizer assim, pré-conhecimento que é, nós mesmos professores já tínhamos, e também de acordo com o currículo propriamente vamos dizer assim até mesmo escolar das pessoas que se inscreveram para esse programa. Dessa forma é que foram escolhidos.

C.M. – Vocês conseguiram pessoas que trabalhassem com *kung fu* e capoeira?

C.S. – Exatamente, por incrível que pareça. No *kung fu*, capoeira e judô, são todas pessoas que trabalham até hoje no município e tem suas escolinhas, seus centros, tanto é que essas pessoas estão até hoje no município e são licenciadas para poder trabalhar. Essas eram atividades que a gente se propôs a não colocar um leigo, porque é até mesmo atividades que correm risco e nós como membros do CREF não poderíamos contratar pessoas sem essa formação. Então, essas oficinas, por exemplo, de bordado, de costura muitas senhoras que nessas áreas desenvolveram um trabalho muito bom nos bairros ensinando as suas práticas que já tinham ao longo dos anos.

C.M. – Nos núcleos que você trabalhou tinham senhores também?

C.S. – Que participavam como clientela?

C.M. – É, em alguma atividade?

C.S. – Sim, tinha bastante. Tinha, por incrível que pareça bastante senhores, inclusive no período da noite. No turno tinha bastante senhores e senhoras que participavam. Inclusive no vôlei de areia, que a gente achava talvez não teria muito, mais a gente a nível de Brasil muito mais jovens, mas tinham muitos idosos, pessoas até da terceira idade que se propuseram em participar.

C.M. – Entre as crianças e adolescentes tinham mais meninos ou meninas?

C.S. – Tanto meninos quanto meninas. Principalmente, no período matutino era um número muito alto de crianças de ambos os sexos, era bem diversificado.

C.M. – Tinha alguma modalidade que as pessoas gostavam mais, com mais procura?

C.S. – É a questão dos adolescentes, pré-adolescentes, era o futsal, principalmente de manhã e à noite a procura era muito grande por essa modalidade, pela questão da aceitação esportiva, que hoje é um esporte mais massificado, era mais isso. Mas teve muito também a questão do vôlei de areia, principalmente à noite, era muito bem aceito.

C.M. – Vocês receberam materiais?

C.S. – Recebemos todos esses materiais, todos vieram camisetas, bonés, bolas de todas as modalidades. Vamos ressaltar que não eram de uma qualidade muito boa, mas veio todos os materiais sim.

C.M. – Vocês receberam alguma formação para trabalhar nos projetos?

C.S. – Exatamente, foi feito um, primeiramente, vamos dizer assim, uma informação com a Andréa, já falei aqui anteriormente e depois, acho que foi quinta, sexta e sábado, é três dias de formação com Marcelo Russo eu acho que é nome dele correto. Ele veio para passar exatamente as diretrizes, como que deveria ser feito, como deveria agir. Inclusive fez um trabalho de treinamento de preencher ficha, como deveria ser atendido, qual é o objetivo do programa, passou bem detalhado para que na hora não houvesse nenhuma desinformação a respeito disso aí.

C.M. – Você lembra da formação com o Marcelo, o que foi trabalhado, especificamente?

C.S. – Especificamente foi a questão principal o objetivo do programa em si, foi realizado no SENAI³, agora detalhar assim por tópico fica meio complicado da gente lembrar, já faz muito tempo, já faz tempo. Mas, foi boa formação, e teve um número de participantes dos bolsistas, dos monitores, todos estiveram participando juntamente com os coordenadores de núcleo, todos participaram.

C.M. – Na sua visão a cidade teve algum impacto com a realização do Programa?

C.S. – Eu entendo que sim, sem contar as obras que foram feitas, foi tipo vamos dizer assim, um legado que foi deixado pelo programa, por exemplo, a construção da caixa de bocha, das salas anexas, da pista de caminhada e outras, a pista de *skate*. É, a gente até também pode colocar a questão da geração de emprego por incrível que pareça, mas nós vivemos num país... Isso aí acabou contribuindo e muito. Sem contar que é uma coisa que chamava bastante atenção da gente era exatamente a questão de servir o lanche, por exemplo, nesse bairro aonde basicamente eu trabalhava, são dois bairros bem carentes, que a gente via quando as crianças chegavam na hora do lanche, para receber o lanche, o iogurte que era a questão, iogurte que pra eles a gente via brilhar os olhos das crianças aquela coisa assim meio que inovadora, dificilmente eles estariam tendo acesso àquilo. De modo geral foi muito importante o programa e acho que deveria, se tiver a oportunidade, de voltar o programa, era um programa que atendia muito bem a comunidade, as necessidades.

C.M. – Você ficou até o final?

C.S. – Eu fiquei até novembro de 2004. Aí houve um processo de mudança da administração municipal, inclusive eu continuei na Secretaria de Esporte até julho, mas não mais. Depois voltou acho a partir de junho de 2005, se eu não me engano, para terminar os meses que ainda faltavam. Mas depois fiquei somente até novembro de 2004. Fiquei até o encerramento.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

C.S. – Não, eu acho que esse Programa leva você... Piloto, pra cidade em si, igual já falei, foi muito importante e a gente vê. Esses dias estava conversando com o coordenador de núcleo, o Marcelo, que o pessoal que coordenava, a gente vê que muitos atletas que começaram lá no bairro, naquele tempo como pré-adolescente, menino ainda, depois veio a participar de um diretamente da... aqui no ginásio municipal, da seleção de handebol, de vôlei. Então, a gente tinha também aquela certa visão, de que era um programa em si, mas

se tinha um moleque lá que já se destacava em certas áreas esportivas, a gente procurava trazer ele para cá, pro centro, pra treinar na seleção estudantil do município. Então muitos acabaram tendo uma ajuda através desse programa.

C.M. – Então, era isso. MUITÍSSIMO obrigado.

C.S. – Ok [risos].

[FINAL DA ENTREVISTA]